

Entre a repressão e a ruptura: o ser mulherJéssica Álana **ZENORINI**Sara Ramalho **PUTINI**¹

Em 1970, quando se passa o filme *O ano em que meus pais saíram de férias* é um momento em que o regime militar no Brasil aumenta a repressão de maneira brutal. Sob a presidência do general Médici os militares passaram à ofensiva executando prisões clandestinas, julgamentos sumários, torturas e assassinatos, enquanto se colocavam na posição de guardiões da ordem interna a fim de combater a subversão e o comunismo.

Cada setor da sociedade encarou de maneira distinta a ditadura militar no Brasil. Partidos de esquerda, movimentos sindicais, grupos de guerrilheiros, intelectuais, estudantes e artistas buscaram de diferentes formas resistir ao projeto militar, enquanto certos setores das classes média e dominante favorecidos pelo “milagre econômico”, apoiavam a ditadura. Por outro lado, “encantados” com a produção audiovisual, as novas tecnologias e a Copa do Mundo, havia pessoas às quais a crueldade do regime passava quase “despercebida”, como o personagem Mauro, protagonista do filme, que mesmo tendo seus pais envolvidos na luta contra a ditadura, manteve em face da realidade seu olhar inocente de criança.

É nesse palco de diversidade ideológica que a bandeira feminista se levanta contribuindo significativamente para a luta contra a ditadura. O movimento feminista já tivera relevantes experiências anteriores em que importantes mudanças haviam sido conquistadas no âmbito público e privado na vida das mulheres. A calça comprida e as saias curtas que passaram a ser usadas sem culpa nem medo; o uso de anticoncepcionais que permitiu à mulher maior controle de seu corpo e maior liberdade sexual; o maior

¹ Graduandas em Ciências Sociais pela FFC/UNESP e participantes do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura.

acesso às universidades e ao mercado de trabalho; o voto feminino e o direito ao divórcio. Em 1970 o movimento ressurgiu no Brasil, em grande parte vinculado a



organizações de cunho marxista, segundo Cythia Sarti (2004).

De acordo com a mesma autora a década de 1970 é um período de importantes transformações para as mulheres, que, embora reunidas em torno de uma

identidade do “ser mulher”, possuem diferentes interesses, fruto da diversidade de mundos sociais e culturais nos quais estão inseridas.

Essa diversidade pode ser percebida no filme por meio das personagens: Bia (mãe de Mauro), Irene, as senhoras judias, Hannah e sua mãe. É preciso destacar que as características dessas personagens são colocadas de maneira muito sutil, de forma que entender o contexto social em que estão inseridas faz-se necessário para deduzir e traçar seus perfis e assim lê-las dentro da narrativa.

Foquemos então em duas personagens que na narrativa são as principais figuras femininas na vida de Mauro: Bia e Hannah. Ambas em grande medida símbolo de mudanças conquistadas pelas ações do movimento feminista que marcaram essa época.

Bia pode ser entendida como símbolo dessa ruptura. Ela representa o conjunto de mulheres que se fizeram



agentes da transformação, uma vez que em nome de sua militância política rompe com o papel tradicionalmente atribuído às mulheres, como a figura idealizada da mãe. O uso de calça jeans, camisas e a presença constante do cigarro manifestam-se enquanto

“signos de rebeldia” da personagem, anulam a imagem da mulher subjugada, delicada, aprisionada ao ambiente doméstico. A casa onde mora em Belo Horizonte, primeiro cenário do filme, demonstra que pertence à classe média e que se trata de uma mulher intelectualizada – ilustrado pela cena em que a vemos junto a livros colocados sobre um móvel –, características comuns à maioria das feministas, de acordo com grande parte da bibliografia sobre o tema.

Hannah, por sua vez, cresce em um ambiente em certa medida já modificado, e por isso colhe os frutos dessas lutas. É apresentada como aquela que circula entre os meninos, na maioria das vezes liderando-os, possui interesses tidos como masculinos como o futebol, e se envolve em brigas de rua. Ela questiona e se mostra participante, articuladora, dona de uma autonomia antes impensada para a imagem feminina. É assim, um signo das transformações em curso nessa época.

Essas personagens (Bia e Hannah) aparecem em oposição à tradição e às rígidas estruturas de uma sociedade patriarcal. Tradição simbolizada pelas figuras das senhoras judias em que “a religião cumpre um papel decisivo na manutenção e propagação da idéia de que a mulher é o ‘sexo frágil’ e o ‘ser inferior’, ajudando a mantê-la subjugada e oprimida” (TOLEDO, 2005, p. 78). Claramente pertencentes a uma geração mais velha que a de Bia e Hannah, estas senhoras são mostradas no filme sempre em ambiente fechado como suas casas, ou na sinagoga, demonstrando possivelmente a não conquista do espaço público e as condições a que anteriormente as mulheres eram submetidas. Ligadas à tradição, demonstram espanto com as mudanças, como no momento em que descobrem que Mauro é “goy”, e que, portanto sua mãe não é judia.

Outra figura de destaque no filme é Irene. Ela seria aquela que já rompeu com algumas características tradicionalmente atribuídas a figuras femininas, mas que carrega em si elementos comuns à maioria das mulheres de sua época. Trabalha em um ambiente tipicamente masculino – um bar –, porém o estabelecimento comercial é de seu pai, sob cuja vigilância ela está exercendo uma função socialmente aceita como feminina: é uma garçonete servindo a homens. Irene é a personagem que ao mesmo tempo sai sozinha para namorar e quebra com preconceitos sociais e culturais, porém não é apresentada como politicamente ativa – como Bia –, não entende de futebol – como Hannah –, e não está no interior do ambiente universitário. É também a

personagem que simboliza a sensualidade feminina, desperta a libido dos homens do bar e dos meninos do bairro.



As mulheres se apresentam ao protagonista como portadoras das soluções, como Hannah, ao mostrar-lhe como conseguir as chaves do apartamento de seu avô, ao trazer-lhe comida, ao enturmá-lo com os meninos do bairro. Ou Irene, ao levá-lo para casa quando está perdido; mesmo as

senhoras judias quando lhe dão almoço. A figura feminina em geral simboliza cuidado e proteção, típicos do ideal materno.

Segundo alguns princípios de ideal materno, pensar na atitude de Bia como um “ato de desamor por amor”, como disse Simone Spoladore, atriz que interpreta o papel, nos remete à contradição e ao conflito existentes na personagem. De um lado, amor aos ideais políticos e dedicação a causas maiores que sua própria existência; de outro, o pesar pelo abandono do filho.

A cena do reencontro entre Mauro e sua mãe revela uma mulher abatida, cansada, que encontra nos braços do filho o alívio, apesar da dor manifestada quando Mauro pergunta sobre seu pai. Na cena final, em que as personagens estão indo embora, Bia entra no carro e não olha para trás. Parte rumo a um futuro que deseja superar o passado marcado pela dor.

Não podemos deixar que se perca nas entrelinhas da história que esse laço entre mãe e filho em muitos momentos foi usado pela ditadura como maneira de atingir as mulheres militantes. Depoimentos dessas mulheres revelavam um corpo ferido e torturado com uma forma específica de violência, uma vez que foram atingidas naquilo que identifica o ser mulher na sociedade: elas sofreram não apenas sexualmente, mas também pela manipulação desse vínculo materno, que torna a mulher particularmente suscetível à dor.

Sem entender o que é exílio, Mauro acredita que ser exilado talvez “seja ter um pai tão atrasado, mas tão atrasado, que não volta nunca mais”. A vida de Mauro fica marcada pela espera, assim como a de muitas mulheres que ficaram, ou ainda estão à espera de seus filhos desaparecidos.

Bibliografia

SARTI, C. A. O feminismo Brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. *Estudos feministas*, Florianópolis, v.12, p. 35-50, maio-agosto de 2004.

TOLEDO, Cecília, *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*, 2.ed.são Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.